



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano XIII — N.º 355 — Preço 1\$00
19 DE OUTUBRO DE 1957

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS
Vales de correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário

FACETAS DE UMA VIDA

Hoje, Vilarinho de Ramalhosa é uma residência que abriga somente quatro padres e seis irmãos. As marés que vêm e vão permitiram o regresso a Portugal do noviciado franciscano; e o velho convento ficou, Deus sabe se a prevenir novos dias maus e, também, por uma quase exigência do povo da região.

É uma casa pobre e envelhecida, com uma cerca vulgar, situada no Vale Miñor que desemboca no mar, ao lado da ria de Vigo. O sítio é bonito e muito perto desdobram-se paisagens de extraordinária beleza: Panjon, Bayona e depois mais longe, até La Guardia e dali a Tuy pela margem do rio Minho.

Em 1923, não havia lugar vazio. Quando o Américo chegou em busca de si mesmo, deram-lhe o quarto maior e melhor, aqui juntinho ao que ora ocupo. Essa tarde, a ceia foi-lhe servida no quarto. O melhor do bragal, a melhor loiça, a melhor comida que os bons frades puderam preparar. Ainda assim, quão distante a sua «querida casa do Chinde», onde «tudo: roupa, mobília, trem de mesa, tudo inglês!»

São dois velhinhos deliciosos, companheiros de Pai Américo naquele tempo, a fonte destas minhas informações. O entre-aspas quer dizer que é deles, tanto quanto possível com as palavras deles. Padre Frei Alexandre e Frei Bernardo — ambos na casa dos oitenta; ambos muito seráficos, como bons franciscanos que são. O primeiro guarda um olhar vivo e gracioso, o segundo já não vê.

Em «Facetas...» passadas, um companheiro de África, um dos «Encanecidos», conta a partida que o Américo lhe fizera quando a primeira vez abordou os Padres franciscanos em Tuy. Havia ali um convento e grande colégio de que era superior Padre Manuel Alves Correia, homem inteligente e culto, de trato fácil, que logo cativou o Américo. «A conversa do Padre, sentado de perna traçada, muito jovial e familiar, interessou vivamente o Américo. Mas quanto mais admirava a variadíssima cultura do simpático e fascinante superior mais se enojava e aborrecia.

— Mal empregado! Um homem destes, e... descalço!

Isto é um absurdo! Nada! Não quero!»

Até ao fim Pai Américo guardou uma sensibilidade muito fina que lhe dava o notar e o sentir-se com pequeninas coisas de que o comum não dá fé. Simples, com um bom gosto sempre marcado pela nota da simplicidade! Mas, naquela hora, chocou-o a discordância entre a opulência do recheio daquela cabeça inteligente e culta e a nudez dos seus pés.

Aquela vez o Américo não disse ao que vinha. Nem ele mesmo sabia de certeza ao que vinha. Vinha ver, a conselho do irmão Padre José, por se aquilo lhe agradaria. Por isso, não tendo dito nada das suas intenções, muito menos as deixou transparecer depois daquela repugnância pelos pés com sandálias e mais nada do Padre Superior.

«Percorreu o convento, a

linda cerca, em ameníssima conversa. Viu os rapazes no recreio, em algazarra, sem repararem na visita». E então, para não terminar inútil a sua visita, tomou à sua conta um aluno «e deixou para ele a primeira anuidade».

Mais tarde voltou a Tuy. Entre as duas vindas deve ter sido a luta que iluminou o último escolho: os pés descalços dos frades menores.

É assim a conquista de uma vocação; cedência palmo a palmo, por fim agarrada a pretextos insignificantes e ridículos, por isso mesmo inconsistentes, que um dia se desfazem à pressão suave do amor de Deus.

Conta Padre Alexandre que depois da primeira entrevista em Tuy, o Américo voltou a Lisboa a distrair-se e a procurar fugir à perseguição de Deus. Foi ao teatro; um teatro



É uma casa pobre e envelhecida, com uma cerca vulgar, situada no Vale Miñor que desemboca no mar, ao lado da ria de Vigo.

de revista. Um quadro, certamente chocarreiro, representava, «em extase um frade franciscano, de pés descalços

a espreitarem pela fimbria do hábito». Saíu aturdido, mais do que entrara. Não é — Continua na 4.ª página

Por Padre Acílio

SETÚBAL

A presença providencial de Deus na nossa vida e na vida das casas do gaiato é, sem dúvida, das realidades mais palpáveis e acessíveis ao olhar da fé. Cada homem que goza a felicidade de ser alumiado por esta candeia sobrenatural, pode abrir os olhos e ver Deus a seu lado, na sua vida passada e presente, na vida do próximo e na do mundo. É Ele que nos aponta o caminho a trilhar, que lima as arestas do nosso feitio, acarinha e alenta quando desanimados, e nos prepara física, psicológica, moral e religiosamente para as empresas que Lhe apraz confiar a cada mortal.

Se formos examinar o «currículo vitae» de cada um dos nossos rapazes, descobriremos sem dificuldade, num ou noutro transe do seu passado, o dedo de Deus bem definido. Se metermos a mão na consciência e verificarmos o próprio caso, então, apetece-nos cair de joelhos e adorar o Senhor presente em cada hora e momento dos, ainda breves, que já vivemos.

Quando o ano transacto, utilizava uma boa parte das férias

grandes neste recanto de Setúbal, em contacto com os seus filhos mais novos, mais pobres e mais doentes, nem de longe decobria que Aquele de Quem a Obra é, me preparava assim para não entrar aqui de olhos completamente fechados.

No primeiro convívio com os habitantes da Rainha do Sado, nada me prendeu a não ser os rapazes que a Obra da Rua acarinhava na Casa do Gaiato e um bom número de boas vontades que por eles se dedicam sem limites.

Quando a vontade superior revelou o sítio do meu poiso, ambas as realidades se conjugaram no meu espírito em meditação prolongada e alegre e ambas foram força de atracção de que Deus se serviu para me encorajar.

Os rapazes! Era e é vê-los! Eu tinha para mim que a criança do sul seria muito mole, pouco viva e um nadinha tristonha. Enganei-me um tanto. É vê-los agora na azáfama da colheita do arroz! Os maiores ceifam, de peito largo, cara alegre, cuidadosamente, resolutamente. Passa-lhes pelas mãos o que é deles. Os médios

e mais pequenos transportam a palha numa correria de cabriolas, saltos e gritos que encham de alegria, ternura e encanto quem os olha com os mesmos sentimentos — Ontem farrapões ignorados, hoje pedras úteis ao edifício social!

O carinho de Setúbal pelos seus filhos que vim tratar, por incumbência de Deus — eis uma nova fonte de ânimo e um meio que a Providência usa para nos atrair às Suas obras!

Deus a governar-nos; nós a deixarmos-nos governar! Quem dera que já mais os nossos rapazes, a Rainha do Sado, ou nós, disséssemos não, quando Deus diz sim!

Abriu já nesta casa uma sapataria, para escola dos filhos das ruas de Setúbal. Não temos ferramenta alguma, a não ser a do mestre. Setúbal deu-nos duas cadeiras para a barbearia! Esperamos que por amor do Pirata e do Setubalense, os primeiros a praticar, nos forneça a nova oficina.



O sítio é bonito e muito perto desdobram-se paisagens de extraordinária beleza: Panjon, Bayona e depois mais longe, até La Guardia e dali a Tuy pela margem do Rio Minho.



AQUI, LISBOA!

Ha situações que passam com o rodar dos tempos. Outras que o tempo faz sepultar no esquecimento. Quanto se tem dito e escrito sobre o Barredo? Quanto? É actual. Enquanto o Barredo Jôr Barredo há-de a tinta correr sobre o papel, há-de sangrar o coração dos mensageiros do Amor. Nem o tempo, nem o cansaço, nem o medo de dizer sempre as mesmas coisas, farão calar a nossa voz. Até quando? Ai do Barredo se visse descer sobre si o véu do silêncio! Mais um caso arrumado. Mas não. Seria cobardia. O Padre da Rua tem necessidade dos Pobres. São a parte mais querida da sua herança, o seu quinhão. Por eles tudo deixou. Com eles partilha a sua vida. Neles vive a sua união com Cristo.

Desta vez seguimos por caminho diferente. Os dois companheiros de sempre. O ponto de partida é sempre o mesmo. Esse não muda, nem pode mudar—a capela da nossa aldeia. O valor da fé acalentada pelo braseiro da Caridade! Sim, primeiro a fé. A nossa atitude para com o pobre está dependente de um simples, mas verdadeiro acto de fé. Bem junto das Fontainhas, no Bairro da Corticeira, mora a viúva daquele que me dava lições no seu leito de dor. Soubesse eu aproveitá-las para a hora da minha morte. A visita não fora preparada. Nem por isso faltou o necessário—a presença daquela viúva e a alegria por nos ver junto de si. Guindais à vista. Mais um passo e eis-nos nas arcadas do Barredo. A vida continua normal. A notícia da nossa chegada espalha-se. Não prevenimos ninguém. Movimentam-se as ruas. Vão-nos identificando. «É uma graça do Senhor a vossa visita». O valor da fé! Os pobres precisam de nós—é uma graça do Senhor. Teologia do sacerdócio. Entramos. São 27 anos que pesam sobre um corpo franzino, mirrado pela doença. Espera a entrada num sanatório. Quando? Não sei. Nem ela o sabe. Fala da sua dor e nós ouvimos. Mais uma de 20 anos com uma criança ao colo. Pobre menino! Uma vítima inocente. Indagamos. Fora uma infeliz. A doença bateu-lhe à porta e foi para o Sanatório. Onde está o cúmplice? Não sabe. «Abandonou-me». Mas o seu amor de mãe foi posto à prova. Viera por causa do filho e tem de regressar, mas não quer ir sózinha. Quer regenerar-se. Uma queda pode ser o início de uma vida heróica. E é-o muitas vezes. Demos-lhe do que tínhamos. Ali mesmo ao pé, a chama de um candeeiro de petróleo iluminava o rosto desfigurado do já conhecido «pobre da cadeirinha». É um parálitico que passa os seus dias encerrado naquele quarto escuro. «Acendemo-lo para os Snrs. Padres verem. Sejam bem-vindos». Precisam de nós. Convidam-nos. E aí de nós se nos furtamos ao seu convívio. Seriam testemunhas a depôr contra nós no Tribunal supremo. Quer contar a sua história e já a conhecíamos dos seus próprios lábios. Têm razão. Não querem aguentar sózinhos todo o peso da sua vida amargurada. Precisam da nossa mão. Por isso abrem-se-nos. Criam-nos responsabilidades. Oíçam agora e aprendam a lição. Alguém nos chama insistentemente. «Venham ver este pobre viúva». De lágrimas nos olhos, testemunho vivo do seu amor àquele que Deus lhe dera por amparo, diz-nos da sua dor. Privações sem conta. Os soluços embargam-lhe a voz. Em frente um copo com um pouco de água, e azeite, a modo de lamparina, ilumina uma imagem do Coração Divino. «Vejam, o pouco de azeite, com que devia molhar as batatas que como, coloco-o ali. Antes quero comê-las secas». Onde aprenderia coisas tão lindas

— Continua na página quatro

O estribilho é muito frequente: — **Admita este rapaz, que ele é bonsinho.**

Ora, este lugar não se destina aosãos, mas aos aleijões da sociedade. São os que necessitam de cura. Não importa a existência de cadastro ou viceio, mas que a sociedade seja liberta dos cânceros que a podem corromper.

Seria desvio condenável recusar enfermos para aceitar os que menos lidas causam. De salto alto, esteve aqui alguém, já em segundas núpcias, a querer descartar-se dum filho das primeiras: — **ele é bonsinho!** Não haja equívocos. Por nada, por espécie alguma trocamos os da rua. No dia em

que os não haja, cerramos as portas.

Os da rua são a nossa bandeira. Rasgada pelos ventos de todos os quadrantes, aqui se vai concertando até ao dia feliz de a poder ostentar.

A cura dos rapazes é, pois normalmente lenta, se bem que muitos a alcançam. Inveterados no vício, com escola feita e prática adquirida, têm dificuldade em se regenerar. Por outro lado, tudo lhes está franqueado. A porta aberta é sinal de nossas casas. Não é portanto de admirar que se tentem mais. São expostos até ao perigo, como prova de resistência. Nela se conhecem, se distinguem e se formam os heróis.

A venda do jornal é tentativa das maiores. São as montanhas, o porta-moedas e a carne fraca. Tudo cede, quando a consciência do rapaz anda adormecida.

Há tempos, um vendedor entregue a si mesmo nas ruas duma cidade gastou parte do produto da venda. Ora, o mal vem sempre a lume. Aquilo veio a saber-se. E por ele os feitos idênticos em vezes anteriores. Um rapaz de linha, tido em consideração tentou-se e caiu! Considerar o próximo somente pelo porte exterior é engano. Nem sempre este tra-

duz a verdade. O mundo com-prova-o a cada passo.

Pois aquele cedeu. Ouviu uma lição. Escutou um forte apelo à consciência, coisa de grande monta em todo o homem. Não houve castigo. Apenas um conselho amigo e uma consciência estremecida.

— **Tire-me da venda que eu caio novamente.**

— **Sê forte. Aguenta-te, porque não te tiro.**

Ontem, este mesmo após a celebração segreda-me na sacristia:

— **Queria dizer-lhe uma coisa.** — Puxa do bolso uma caneta faísca que entrega e continua: — **Fui roubar-lha p'ró exame. Mas não quero ficar com ela.**

Senti naquele momento a alegria duma cura milagrosa. Eu sabia quem ele era. Da rua e nela seguira as pegadas do furto. Entretanto a vontade ainda débil desta criança de doze anos triunfou. O passado vai sumir-se. Fica apenas a alegria da vitória e a luz que esclareceu o caminho da verdadeira nobreza e dignidade.

— **Toma a caneta. É tua.**

Quanto não vale este passo em frente! Muito mais do que a perseverança de noventa e nove justos.

Padre Baptista

CALVÁRIO

CALVÁRIO! A palavra diz tudo. Fala-nos de Redenção. Obra de Amor. Bênção de Deus. «Doentes destes valorizam a nossa obra. São uma bênção do Céu». Pai Américo falava assim. Estas palavras encontram eco nas Alturas. O Calvário é um dos selos de Deus a autenticar a Obra da Rua. É o canal por onde a graça em torrente caudalosa desce a fecundar a semente lançada por mãos de pecadores. Calvário! Lugar de Redenção. Ali, como outrora, assistimos à oblação cruenta, mas livre, do Abandonado do Gólgota. É a garantia segura de que Deus está conosco.

Há dias fui a Beire. Há muito tempo que lá não ia. Temos rapazes a trabalhar na lavoura. Poucos ainda. Estive no Calvário. O Sr. Teixeira, um dos incuráveis, estava sentado nas escadas da capela. Acabava de chegar do hospital de Paredes, onde fora de visita a um doente, e sentei-me junto dele. Conversámos. «Que bem aqui se está». Quase não sabia dizer outra coisa. Como estas almas exigem tão pouco para um momento tão solene como é o da morte! Uns lençóis lavados e uma alma carinhosa que os ajude a morrer bem. Mais nada. «Está-se aqui tão bem». Enquanto ouvia o Sr. Teixeira, eis que vem o Alfredo. Sabe dos seus males e conta-mos. A mesma alegria, a mesma paz interior. Milagre de Amor. São incuráveis. A morte espreita-os a cada momento. Não desesperam. E o nosso coração sangra ao pensar em tantos outros a quem é negado o conforto de uma cama lavada e o bafo de amor maternal para os últimos momentos. É um direito que lhes pertence. Negam-lho. Vamos construir o Calvário. Sereis os obreiros. É uma obra de todos. Não era preciso dizê-lo. As cartas falam. Um amigo dos pobres marca a sua presença com 200\$00 mais cem. Um humilde vicentino retira metade da diária que deveria entregar à esposa e manda 20. Só assim é que tem valor. Traz o selo do suor e da renúncia. Mais 100 de alguém que pede a conversão dos seus. Idem com igual pedido. Uma leitora assídua do «Gaiato» agradece todo o bem que a Obra lhe tem feito e apresenta-se com 500\$00. É de Santarém. O Calvário irradia calor ao longe e ao largo. Só os corações empedernidos permanecem impenetráveis. Lourenço Marques vem com igual quantia e palavras de incitamento. O Porto não pode ficar em silêncio e envia 200. Reina a inquietação nas almas. Uma noelista de Lisboa quer tranquilizar a sua consciência e dá 500\$00 com promessa de que voltará. Esteja desencançada que Ordins levou os outros 500. É o acordar das consciências adormecidas. É uma necessidade urgente. De Lousã fala o Snr. Padre Josué com 250\$00. Mais um que ama os pobres por amor de Deus e como prova envia 100. Igual quantia de alguém que quer ser conduzido pelo recto caminho. «O Calvário foi uma ideia sublime que Pai Américo teve» e manda o aumento do ordenado do 1.º mês. Como este muitos. A gratidão é um dever do homem. Outro que dá pelo nome de «amigo dos pobres» manda o correspondente aos meses de Julho e Agosto. E mais 20. E mais 37\$50 de uma subscrição na Rua João Ramalho. E por hoje mais nada.

Padre Manuel António

Comissões Paroquiais de Mendicidade

Na assistência ao Pobre deve haver justiça, i. é., atender-se-á, antes de tudo, ao mais necessitado, sem se precisar de pedidos, recomendações, presentes e tudo o mais costumeiro. Basta o Pobre. O seu pedido. A sua ferida. A sua dor. Se os membros da Comissão Paroquial de Assistência não se ferem no Pobre, que mais os poderá comover? Toda a sua acção poderá então, facilmente transformar-se numa grande injustiça, numa fonte de dores, num desespero, numa desilusão. A C. P. A. deve esforçar-se por atender todos os Pobres da Paróquia, em concatenação com a respectiva comissão municipal e outros organismos congêneres. Ora a verdade é que estamos de frente dum plano de assistência, cuja primeira peça, a Paróquia, está muitas vezes sem vida. O Snr. Presidente e os outros membros da Comissão são muito boas pessoas. Tratam dos seus interesses... e os Pobres que façam o mesmo. Que lhes interessam problemas vergonhosos, como a Mendicidade? Este, como tantos outros, nunca encontra solução. «Impossível» e «difícil» são adjectivos que se trazem na boca. A preguiça e o egoísmo tolhem os movimentos. A selva está, por vezes, à nossa volta. Somos nós que a criamos, quando falta na nossa vida uma réstea da luz do

Evangelho. A Boa Nova é Amor. Deus é Amor. Viver é amar. Ora isto não se quer compreender e pôr em acção. Daí o abandono do Pobre. Chamam-se-lhe nomes. Apontam-se-lhe defeitos. Preenchem-se papeis. E pronto. Leis e assistência.

Mas além do abandono, há coisa mais grave. É a mentira. Há Comissões de Assistência que fazem papeis falsos. Batem à minha porta Pobres, de perto e de longe. Diante de mim, tenho dois documentos a confirmar o que escrevi. São receitas médicas. No verso de uma lê-se: «a Comissão Paroquial de Assistência da freguesia de... presta auxílio para a compra dos medicamentos indicados nesta receita, com a quantia de 16\$50». Vem datado e assinado pelo Snr. Presidente. Trata-se, porém, duma declaração falsa. A Comissão nada deu ao Pobre. São assim as declarações relativas a importâncias a dar pela Comissão. Uma falsidade. Ele que se arranja. Se quiser, peça pela freguesia. Em vez de coibir e resolver o problema da mendicidade, dá-se-lhe documento para explorar o próximo, se quiser. Assim, em verdade, todos os problemas são difíceis e impossíveis de resolver, por falta de Amor.

Padre Aires

TRIBUNA DE COIMBRA

Poderá parecer a muitos amigos nossos que o grande cuidado dos Padres da Rua é dar de comer e vestir a tantos Rapazes. Outros julgarão que o nosso maior trabalho será a administração das nossas casas.

Nós porém afirmamos que a nossa maior preocupação é a formação de cada rapaz. Formar-lhe o carácter, fazer-lhe conhecer as suas qualidades humanas, fortalecer-lhe a vontade, desenvolver-lhe a inteligência, orientar-lhe a aspiração profissional, enobrecer-lhe a dignidade humana, torná-lo consciente da sua filiação divina.

O dar-lhe de comer quatro vezes ao dia também é cuidado. A boa orientação económica duma casa dá muito trabalho. A paciência de todos os dias e todas as horas e para todos os feitos e muitos com tarefas também é aflição nossa. Mas todas estas preocupações são bem pequenas ao pé daquela que temos com a educação de cada um.

Só assim se explica a existência de tantas variedades de oficinas e trabalhos que temos nas nossas casas. Para que cada um, em contacto com os vários ofícios ou trabalhos, se determine em ordem ao seu futuro.

A nossa casa de Miranda do Corvo que hoje, graças a Deus, já marcha neste sentido, atravessa por vezes períodos difíceis por falta de trabalho para as oficinas.

Apetrechámos a carpintaria com várias máquinas que nos custaram muitas dezenas de contos e temos lá a trabalhar seis rapazes com a 4.ª classe feita; mas por vezes vamos

encontrá-los encostados aos bancos e dizem que não têm que fazer. Eles sabem fazer portas, janelas, caixilhos, bancos, carteiras de escola, mobílias, madeiramentos de casas e tudo o que é da sua arte. Estão agora a acabar uma dúzia de carteiras para a Câmara de Miranda. Temos bom mestre.

Para a oficina de serralharia gastamos também dúzias de contos e temos ali quatro rapazes com vontade de trabalhar. Sabem fazer enxadas, picaretas, portões, portas, grades, trabalhar em ferro forjado, tudo o que faz parte do seu mister.

Na alfaiataria, o Martelo com a sua «Singer» e dois aprendizes (um deles filho do sinaleiro entevadinho do Almegue), não há quem o farte de trabalho. Sabe fazer fardas, fatos-macaco e tudo o mais que seja preciso.

O mestre sapateiro com os seus quatro auxiliares e também com a sua «Singer» tem agrado a toda a gente que tem feito encomendas.

O Abel, na barbearia, só atende os de casa.

Vede, meus queridos leitores, qual é agora uma grande aflição que me acompanha: formar cada um na sua oficina, por meio do trabalho sério e perfeito. Não trabalho rendoso. As Casas do Gaiato não são empresas industriais. As nossas oficinas são principalmente para a formação do Rapaz.

Este meu pregão é especialmente para os habitantes de Coimbra e dos concelhos da Lousã e Miranda do Corvo.

Desta vez não pedimos uma esmola. Pedimos trabalho para as nossas oficinas.

Padre Horácio

Casas para trabalhadores

Este magno problema não será resolvido por uma entidade pública ou particular, por um ministério ou por uma organização. Digamos com franqueza o que pensamos. Estamos perante um caso humano tão importante e ao mesmo tempo tão difícil que, não obstante as realizações dos Ministérios das Corporações, das Obras Públicas e das Misericórdias, das Casas do Povo, das Caixas de Previdência, das Câmaras Municipais, não obstante as iniciativas de outros organismos como a Ucdt, ainda ficará muito e muito para realizar.

Houve e haverá sempre o perigo de aqueles que trabalham para um fim numa modalidade desconhecem e uma vez ou outra menosprezarem aqueles que trabalham para o mesmo fim, tendo escolhido, no entanto, outro caminho. Neste particular o saudoso Pai Américo deixou-nos um exemplo admirável de largueza de vistas. Trabalhou e admirou e ajudou mesmo o trabalho alheio. A muitos deu alento e auxílio. Como era diferente daqueles que pretendem ter os exclusivos, as soluções únicas!

É necessário ter noções, tanto quanto possível exactas, do estado habitacional no país. Teremos então a certeza evidente que tal diploma ministerial não pretendeu resolver a situação e portanto os particulares e as organizações diversas que existem não poderão dormir, abster-se, confiadas no tal decreto, no tal diploma.

Isso não é nacionalismo, mas,

Continua na página QUATRO

Visado pela

Comissão de Censura

CAMPANHA DOS CINQUENTA MIL

Venho de ao pé da máquina. Sim, da Johannisberg. Pois se ela tem sido o motivo de pasmação dos «batatas» e dos maiores, dos tipógrafos nem é bom falar! Eu por lá tenho passado, também, uma boa parte do meu rico tempo. Mira que remira.

Há pouco eram lá, Domingos e Sandim. Domingos a pontificar, Sandim por ajudante. Mais ninguém. Tudo silêncio, menos a máquina que rolava, rolava, rolava. E de cada vez que abria a boca nascia um «Famoso».

A cadênia do seu trabalho pasma. Não admira que os «batatas», ao passar, entrem mui sorrateirinhos, pra ver...

Uma nova máquina, rápida; uma Campanha na rua. Eis o pensamento dominante, de cada vez que encaro a tão falada Johannisberg.

Até aqui, poderia a gente recear que a um aumento maciço de assinantes ou de tiragem não correspondessem as nossas condições de trabalho. Agora, não. Estamos prontos a corresponder. Mais; queremos vivamente dar novo alento, cantar mais alto e com mais força: **Senhores, vamos pros cinquenta mil!** Está nas vossas mãos a vitória. Nas mãos de cada um. Reparei: se metade dos nossos assinantes—já não falamos dos leitores em geral—arranjasse cada um, um, —pronto passávamos largamente os cinquenta mil deles. Cada um, um. E um, só, é tão fácil! Vamos vencer o comodismo, senhores. Vamos trabalhar. Trabalhar mais e com energia e vontade. Vamos, pra cantar vitória. E não tenham medo do mundo. Façamos um acto de Fé e tudo cai. A Fé domina.

Não tenhamos medo do mundo. Nem acreditem na saturação. Há tanta gente que desconhece, ainda, a nossa Obra! Mais; que desconhece o nosso jornal! E qual o caminho para a conhecerem? «O Gaiato». Porquê? Ele é o espelho da Obra. Uma janela aberta por onde, de longe, seja a que distância for—todos os quinze dias—a vêem e ouvem e sentem e daí a avar, a apaixonar-se por ela é muito curto o caminho.

Vamos que, agora, o tempo urge. Aqueles trezentos e tantos contos—quase 400!—têm de produzir. Dar o máximo do seu rendimento. Não um rendimento material. Isso não conta. O Espiritual, sim. E esse, tu, leitor amigo, sabes quanto deves a «O Gaiato». As cartas são de todos os dias. E o que elas dizem, as verdades que dizem! é que nos leva a convencer-nos da necessidade crescente de um «Gaiato» maior. Não em formato. Nasceu assim e assim tem de continuar. Mas em tiragem. Ora se tu, leitor, vibra com o «Famoso», porque não proporcionas a mesma Riqueza a um que a desconhece?

x x x

Acabaram as férias e todo o mundo regressou já a casa.

Ora durante este tempo poderia alguém julgar que a Campanha ou adormeceu ou se ressentiu. Quem vai para férias vai para descansar... Mas não. Graças a Deus uma parte dos nossos Amigos esqueceriam talvez o seu trabalho, os seus negócios, a Campanha é que não. Para o quê saibam todos que em menos de dois meses a gente recebeu, por cá, a passar de 300 assinantes! Terras? Nomes? Ai senhores, este já vai tão longo que o melhor é ficarmos por aqui e continuarmos na próxima quinzena. Até lá, boa sorte e boa colheita.

Júlio Mendes

ECOS DO GERÊS

De novo aqui nos encontramos para castigar os maus fígados.

É a segunda vez que tal acontece este ano o que diz que não temos progredido muito. E encontramos aqui novos amigos. Abraçamos o Sr. Baltazar. Estivemos aqui um pouco desanimados, mas chegou o Sr. Silva e família, trazendo na sua Volkswagen desmedida alegria.

Já fizemos a tubagem, engolimos o macarrão como dizem os aquistas em tom de brincadeira, afim de tirarmos a bilis que cá se encontrava a mais. Estivemos no Turismo, onde o Sr. Teixeira dá as suas ordens, visitamos tudo quanto há de belo nesta serra do Gerez. Nada nos falhou. Sempre acompanhados por uma simpática família do Porto.

Temos de frisar também que não nos esquecemos de tomar a gervita, nome engraçado que dão a estas ricas e inigualáveis águas das quais só beneficia a população portuguesa. É bem verdade a sugestiva legenda que se encontra na copa, escrita em latim: *Aegri Surgunt Sum.*

Estas águas transformam a gente. Não há dúvida que são o melhor remédio para os fígados!

x x x

—Pique que pique! Pique que pique!

—Ai anda! Pedrinha ei!

—Anda pedrinha, anda,

—Pique que pique! Pique que pique!

É a voz dos pedreiros. A canção do trabalho. Em todas as partes de Portugal onde andam obras, existem pedreiros, é assim. Que canção linda! Que amor ao trabalho!

Foi assim que se levantou esta Obra de Amor que é a Casa do Gaiato, que Pai Américo viu antes de realizar. É assim em todo o lado onde se trabalha com amor. É assim no Gerez.

Mas por detrás de tudo isto, quantos dramas, quantas aflições. Quantas angústias. Que sacrifícios heróicos!

Quando Pai Américo chamou ao Barredo, lugar de Mártires, Heróis, de Santos, não foi sem fundamento.

Pessoa amiga que se encontrava connosco, ia-nos dizendo:

—Aquele, e apontava, tem seis meninos. A mãe encontra-se grávida e está em estado de tuberculosa. Não têm casa. Não ganham para comer. Como pagar a renda duma casa de tábua?

O senhorio exige aquela importância todos os meses senão são postos na rua. Onde estarão nesta altura? Achar-se-á bem?

Este dinheiro não lhe causará náuseas? Não lhe escaudará as mãos?

E o drama continua; continuará sempre sempre até cumular com a crucificação deste heróico casal.

Como este, quantos e quantos! Quantos heróis não terão de perecer à míngua de pão para senhores andarem a gozar os rendimentos... Segui-

Continua na página QUATRO

A nossa peregrinação a Roma

A descrição desta peregrinação, foi já aqui feita pelo Cândido.

Não podemos, no entanto, ficar calados, pois toda a gente se interessa e gosta de saber como foi e deixou de ser.

Por esse motivo, vou hoje descrever, ou melhor ainda, procurar descrever, como vi e vivi a dita Peregrinação, embora saiba que esta descrição estará muito longe daquilo que deveria ser, e muito longe de mostrar o que vi e senti na verdade. Primeiro, porque vi muita coisa que é indescrevível; segundo, por falta de competência para a descrição. Contudo, tentarei fazê-lo o melhor possível.

A maior preocupação que procurei sempre ter, logo que entrei em contacto com a caravana, foi procurar estudar o espírito dos rapazes da J.O.C., o espírito jocista, para aprender dele o máximo, pois a minha intenção dominante era aprender.

E devo dar graças a Deus por tanto que aprendi. Pena

tenho de não ter aprendido mais pois muito há que receber da J.O.C. A minha vontade era boa, por isso, nada me foi inútil. Não me passou despercebido o espírito de sacrifício, nem o espírito de oração, que sempre reinaram entre os jovens peregrinos; e, nem muito menos o espírito de fraternidade, pois este é que mais nos salta à vista, o que mais nos impressiona, o que mais nos ensina.

Foi unido a este espírito da J.O.C. que eu procurei viver a Peregrinação.

A nossa ida a Roma, não foi de forma alguma um passeio turístico. Teve sempre e em tudo o sentido duma peregrinação, mas duma peregrinação verdadeira, caracterizada pelo sacrifício de horas de sede torturante, de horas amargas e de insónia, por vezes de alimentação insuficiente, etc.; e, caracterizada ainda pela oração fervorosa.

Em suma: a nossa peregrinação resumiu-se a Penitência e Oração.

O espírito de fraternidade, esse, foi a maior lição para o mundo, visto ser de todas as características da J.O.C. a que mais estava à vista de todos.

Os transeuntes das ruas de Roma, ficavam de boca aberta perante a fraternidade dos jovens trabalhadores do mundo inteiro. Qualquer que fosse a língua ou raça, todos se entendiam, todos confraternizavam, todos viviam a alegria uns dos outros. Deve ter sido esta fraternidade, o que mais impressionou a população romana.

E esta peregrinação cuja finalidade principal foi de homenagem ao Papa, foi também uma fonte onde se bebem a força e a luz para o progresso e para a fecundidade do apostolado da J. O. C.

Todos vieram fortalecidos espiritualmente para cumprir a missão de trazer Cristo às almas e levar as almas a Cristo.

Carlos Manuel Trindade

PELAS CASAS DO GAIATO

TOJAL

Nós cá andamos cantando, rindo e chorando neste mar de rosas e de lágrimas.

Nestes últimos dias, temos andado muito dentro destes dois muros, aliás que sempre nos acompanham, mas nestes dias tem sido em especial. Têm-me surgido, nestes dias, algumas surpresas, das quais eu me ocuparei nesta crónica para fazer-lhes chegar ao vosso conhecimento:

— Na altura em que chorávamos a perda de mais uma bola de couro, apareceu-nos em casa um Sr. já conhecido de alguns rapazes nossos, que visitou a casa mais uma vez, e deixou-nos na despedida e lembrança de mais uma visita à nossa casa, duas belas e belas bolas de couro. E são braseiras. Agora já podemos jogar mais vezes a bola. Muito obrigado, caro amigo, pela alegria que proporcionou aos nossos rapazes pela oferta das duas bolas. Quando precisarmos de mais alguma não se esqueça. Venha como esta vez; sorrateiro, despercebido e na devida altura.

— Outra aflição e outra surpresa. Era a Sr.^a da cozinha aflixa com as mãos na cabeça, parecendo que queria chorar, dizendo: — Ó meu Deus, que hei-de dar amanhã aos rapazes? Não tenho pão para lhes dar ao café. E isto dizia ela numa noite de certo dia. Às dez horas dessa mesma noite surgem dois Srs. numa furgoneta. Que vinham fazer? Oferecer dois on três sacos de pão fino. Deviam ser uns oitenta ou cem quilos dele. Tudo se tranquilizou. Já havia o pãozinho. Sr.^a e rapazes contentes. Já é costume estes Srs. oferecerem grandes quantidades de pão. São da padaria Estrela-Lisboa.

Muito obrigado presados amigos, pela oferta graciosa e oportuna que nos fizestes e pela satisfação que nos proporcionastes. Deus vos ajude.

Temos ainda recebido nestes dias, algumas roupas, calçado e jogos para os nossos batatas. Deus não se esconde de nós, pelo contrário. Abre-se, mostra-se e deseja mostrar-se cada vez mais. E isto porque a hora é d'Ele. E nós que gozamos da sua hora correspondemos ao seu Amor por nós.

— Ai a minha cabeça! Ai! Ai! O que é? A gripe asiática que já chegou à nossa casa do Tojal. O Sr. Padre Sobral e a Sr.^a da cozinha regressaram à cama atacados por ela. Aos rapazes a nenhum atingiu ainda. Cá em casa esta gripe tem dado que falar! Por ela atacar rapidamente as vias respiratórias, os músculos e a garganta, pondo quase imóveis os rapazes. E uns chamam-lhe gripe automática outros gripe asrsmática.

O que é bom é ouvir por este tempo desta doença as anedotas que saem da boca deles a respeito da automática. Por tudo e por nada a automática entra em acção.

Ai que me aleijei! Oh! Isso é dos efeitos da automática. O que tens que fazer é agasalhares-te bem senão ficas asiático. Vê lá se queres ser asiático ou asrsmático.

Agradecendo ao Senhor os benefícios por Ele concedidos sobretudo estes aqui mencionados, despeço-me de vós até outra vez, ficando a pedir a Deus que vos ajude e vos traga nos vossos corações para amardes mais a Casa do Gaiato do Tojal, pois que ela é tão linda e tão esquecida.

CONFERÊNCIA: — A partir do momento que nos movemos iniciamos uma viagem.

— m que direcção? Não sabemos sabemos que há um posto enorme a todos os homens. A Cidade Eterna do Paraíso. Mas antes de entrarmos nesse Paraíso, temos que empregar bem o tesouro precioso da nossa vida.

Mas como o empregar? Como? Muito facilmente ouçamos o que disse o Senhor a uns homens que pescavam: — Abandonai tudo e vinde comigo; e eles deixaram tudo e seguiram-no.

Eis, É tudo. Seguiram-no. Seja-mo-lo também como eles, com toda a fé, esperança e caridade.

Nós com a fé manifestamos a existência de Deus e acreditamos tudo o que Ele nos disse; mas com a caridade nós amamos a Deus e damos teste-

munho, da nossa fé, quando nos inclinamos diante do pobre, fazendo diante dele um acto de humildade, curando-lhes as suas feridas e levando-o à estalagem mais próxima do povoado, encaregando aos estalageiros que o ditem bem, pondo tudo à sua conta, como fez o bom samaritano.

Há-de ser desta maneira, repito, que o cristão de fé, há-de dar testemunho da sua fé, amando o pobre.

E onde não há pobres para que o cristão possa realizar diante deles o seu acto de fé? Onde não os há? Dando um ou dois passos logo se encontram talvez dezenas deles.

Só aprovam estas verdades quem anda a par delas, quem anda retirado delas vê um irmão seu estendido na valeta, raquítico, chagado, esfomeado, sequioso, sem poder já falar e prestes a exalar o último suspiro e passa sem se ralar com o triste espectáculo, nem sequer dando conta de tal.

Coração endurecido como um calhau! E infelizmente encontra-se no nosso tempo, gente desta.

Só se preocupam com o — venha a nós o vosso reino — não se lembrando dos outros desprovidos da sorte, de tudo e de todos, da sua salvação, que é o negócio importante.

Como há duas metas a cortar, Salvação e Perdição, preferem seguir o caminho que conduz à perdição. Vai os unir-nos e melhor à Caridade de Jesus, e teremos a certeza que levaremos melhor a viagem, trilhando o caminho com menos apreensão.

Zé do Porto

BEIRE

Caros leitores. Algumas coisas temos recebido dos nossos benfeitores. Vieram uns sapatos para o Zé Maria pequeno de prenda da comunhão solene. Estiveram cá uns visitantes que trouxeram aos nossos doentes do Calvário regueifas e outros trouxeram bolos. Um cinzeiro porque eles fumam. E cartas para jogarem. No entanto foi muito pouco porque não têm roupa para se vestirem. Faz já muito frio aqui e eles só têm casaco de pijama. O Semanel de Pereira diz que não tinha roupa. Estava todo o dia na cama. O Alfredo esteve tanto tempo à espera dos nossos sapatos que andava com um pé todo de fora e diz agora que o tem aberto. Como não veio nada compraram-se sapatinhas mas sabem que para este tempo não prestam. É para Beire-Paredes, camisolas, casacos, sapatos e o mais que é preciso aos doentes.

— Os nossos rapazes maiores foram para a ceifa do arroz para Setúbal por se andarem a gabar que eram os melhores cegadores e lá foram muito contentes. O Carlos já escreveu e todos admirados, que nunca tinham visto coisas tão lindas.

— No passado dia 18 festejamos o aniversário do Sr. Padre Carlos. Tivemos duas missas na nossa capela. Veio o Sr. Padre Alberto celebrar para nós e por sorte encontrava-se cá nesse dia o Sr. Abade de Melres que veio celebrar pela alma do nosso Pai Américo. Apesar dos seus 70 anos ficou todo contente por assistir a esta festa. Tivemos comer melhorado e tudo comeu como gente grande. Foi uma festa da família da Obra da Rua. Que ela se repita por muitos anos.

Zéquita

PACO DE SOUSA

— O Quim Pereira fez anos. Como ele é o chefe da Casa 3 de baixo, os rapazes fizeram-lhe uma festa. Estava tudo animado e ao andar foi uma alegria. Parabéns. Muitas festas de anos... e menos barulho que os outros querem dormir. Bem, Mas pagaram-se porque os de cima já fizeram o mesmo.

...E vivam os anos e o Quim Pereira!

— Tivemos no nosso meio a quem abraçamos com alegria o Zé Reis — o africanista que está em Lourenço Marques, onde exercia a profissão de mecânico da Aviação. Veio de avião, passar as suas férias à Metrópole e, como bom irmão que é, não nos podia esquecer.

Dantes foi refeiteiro e cozinheiro. Era conhecido por «Mondim».

Hoje é o Senhor José dos Reis e nosso hóspede de honra. Muito obrigado. Muitas felicidades e quando lá chegares a Moçambique, não te esqueças de abraçar todos os outros irmãos que lá se encontram em luta com a vida, já que nós o não podemos fazer tão cedo!

Que nenhum se esqueça de tudo o que aqui aprendeu, de todos os colegas, da nossa aldeia que está cada vez mais bonita e mais atraente. Isto ajudar-vos-á nessa grande luta que travais para conquista de dias risonhos!

Muitos cumprimentos de todos e do

— Também és dos gaiatos?
— Com grande alegria.
— Há quantos anos cá estás?
— Uns nove ou dez.
— Costavas muito do vosso Pai Américo?
— Pois!
— Que tempo podeis estar cá?
— Não há marca.
— Sim senhor. E vós gostais de estar sempre aqui fechados?
— Quando o senhor entrou o portão estava fechado?

Daniel Borges da Silva

Ecoss do Gerês

— Continuação da 3.ª Página —

rem alegres, de consciência tranquila, por caminhos largos.

x x x

Como o nosso Gaiato é uma tribuna de educação das massas não fica aqui mal uma criticazinha a certos panfletos que andam por aí e não são nada benéficos. Muitos constituem até uma escola de deformação.

— Uma coisa integralmente e com a mesma pontuação este:

«Atenção:

Heperição keneipe da serra do Gerês. Remédio eficaz nas doenças do fígado e intestinos, rins e hexigas modo de usar 5 grammas para cada dia não tem dieta. Deve ser tomado bem quente de manhã que serve de pequeno almoço e a seguir ao almoço e ao jantar e a noite vende-se aqui».

Ora vejamos os senhores. Deliciem-se com o belo arrozado de prosa. E o mais bonito é que ninguém nota isto. Parece uma coisa natural. Este anúncio é dum sujeito que já tem tido várias questões por vender aos fregueses carqueja em vez de Heperição.

Mais nada, a não ser os cumprimentos do amigo,

Daniel Borges da Silva

Casas para trabalhadores

— Continuação da 3.ª página —

comodismo. É o culto da abstenção. Cultura daninha como poucas outras culturas esta da abstenção. «O Ministério que faça, a Câmara que faça, a Empresa que faça...» Muitas críticas nas praças públicas, nos cafés, em reuniões não passam, muitas vezes, de vã tentativa para defender uma atitude que não tem defesa possível. Os preguiçosos são críticos profissionais.

Há um outro perigo e este o mais terrível de todos. Aquelas entidades, julgando-se fadadas para resolverem a situação das famílias sem lar, não facilitarem não ajudarem e não estimularem iniciativas particulares que já existem e que, com certeza, virão a existir noutros moldes. Onde existirem realizações — não dizemos onde existirem projectos — deverá estar o auxílio particular e o auxílio oficial. E não obstante a boa vontade dos Ministérios, dos organismos e dos particulares, muitos continuarão sem casa para viver.

Padre Fonseca

BARREDO

Continuação da
pág. 0015

para nos dizer? O sofrimento é escola; é livro vivo. Quem dera que soubéssemos lê-lo como ela! Que lição de amor! O Mestre disse que o «seu jugo era suave e o peso leve». Como? Queixamo-nos tanto. Vergamos, quando não caímos desfalecidos. Porquê? A culpa é nossa. Queremos caminhar sôzinhos. Aprendamos a lição da viúva. E mais além, na Fonte Taurina, lição idêntica de uma que já teve e agora não tem. «Se me encontro assim é porque Deus quer». Eis tudo. É o caminho da disponibilidade do nosso ser perante o Senhor da Vida e da Morte. Trouxemos recado do n.º 18, da Rua dos Mercadores. «Não se esqueçam do que lhe pedi. O inverno já nos bateu à porta e não estamos preparados para o receber». Era uma avózinha a falar por 4 netinhas e pedia agasalho. Bem sabia que não tínhamos. Quem acode? Não pagam transporte. Têm recoveiro de graça. O inverno! As chuvas torrenciais! As choupanas ensopadas em água. Flagelo com que Deus purifica

os desprovidos de tudo o que é deste mundo. Quero conhecer e viver estes dramas. Estarei presente. Era noite. Regressámos de mãos vazias e a alma cheia. Que melhor recompensa?

Padre Manuel António

Notícias da Conferência da nossa Aldeia

A EXPLOSAO CONTINUA!: Explosão, sim; que outro qualificativo não sabemos para este dar, de todos os dias, prá viúva. E o que isto tem de dado de matéria para meditação! Sobretudo quanto à forma como Deus actua no que anda escondido nas almas e uma vez descoberto o que isso produz!

Ora tamen nota do que veio com destino à viúva mui aqui falada: 100\$ de algures, 25\$00 da Celeste do Porto e 20\$00 de um anónimo e 70\$00 dos doentes da Casa de S. João de Deus, de Barcelos. Assinante 13582, 30\$00. No Espelho da Moda 20\$00 e mais 20\$00. Por intermédio duma Conferência 50\$00, «dum irmão em Cristo, de Belas». Um envelope da Figueira da Foz trazia um recorte da notícia aqui publicada, mais 50\$00 e uma legenda: «Por alma do Pai Américo e pela saúde de uma filha querida». A. P. S. 20\$00. Outros vinte «duma assinante do Porto». De Gaia uma carta formosa, com 50\$00 «por alma de uma Mãe para socorrer outra Mãe». João Silva, dos Armazéns do Meio Dia, o dobro.

Continua no próximo número

Júlio Mendes

Faretas de uma vida

— Vem da primeira página —

impunemente que o homem escolhido foge de Deus

Uma vez — há muito — numa reunião da Acção Católica, ouvi de D. Manuel Trindade Salgueiro uma notícia que deve datar de então. Uma noite o Américo passou pelo Maxím's um clube elegante dos Restauradores. De dentro soavam ecos de música de dança e das risadas vazias que o mundo toma por sinais de alegria. Mas ele já não pertencia ao mundo. Um instinto divino deu-lhe o sabor real da festa que era dentro. Não chegou a entrar. Partiu dali mais certo do seu rumo.



São dois velhinhos deliciosos, companheiros de Pai Américo naquele tempo, a fonte destas minhas informações.